

MENINAS/MULHERES NEGRAS: INFÂNCIAS E CUIDADO DE SI

Eixo Temático **GÊNERO E SEXUALIDADE NAS INFÂNCIAS**

Hélen de Oliveira Soares Jardim¹
Dulce Mari da Silva Voss²

RESUMO

Infâncias negras de meninas/mulheres escritoras e umbandistas são entrelaçadas neste texto. Cruzamentos nos quais são perceptíveis as interdições sociais, desigualdades de gênero e étnico-raciais que marcam infâncias negras. Meninas/mulheres negras inventam diferentes estratégias de enfrentamento ao sexismo e ao racismo, desde a mais tenra idade. São forçadas a enfrentarem seus medos, dificuldades e os preconceitos sociais. Fazer eco ao cuidado como estratégia de combate ao racismo e ao sexismo que ainda impera em nossa sociedade requer não negligenciar os anseios e as expectativas individuais de cada menina/mulher negra, de modo que possam, inclusive, expressar sem medo suas fragilidades e sensibilidades.

Palavras-chave: Infâncias negras; Racismo, Sexismo, Cuidado de si.

Essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con-)fundem com as minhas.

Conceição Evaristo

INTRODUÇÃO

Por meio desta escrita, trazemos à tona o tema gênero, negritude e infância a partir de um desdobramento da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade Federal do Pampa, cujo título é: “Vozes de

¹ Mestranda no PPG MAE na Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, helenjardim.ms@gmail.com;

² Doutora em Educação na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, dulcevoss@unipampa.edu.br

Mulheres Negras na Umbanda: a educação nos terreiros e comunidades afro-brasileiras na cidade de Bagé/RS”.

Com este trabalho pretendemos criar um movimento do pensamento que entrelaça histórias de infâncias de meninas/mulheres negras de diferentes tempos e contextos históricos, mas cujas histórias de vida se aproximam e se cruzam ao serem atravessadas pelas interdições sociais, desigualdades de gênero e étnico-raciais. Um enredo das infâncias de meninas/mulheres negras que inventam diferentes estratégias de enfrentamento ao sexismo e ao racismo, desde a mais tenra idade. Como elas, reivindicamos o direito à proteção e ao cuidado dos corpos e das vidas de meninas/mulheres negras.

Infâncias entrelaçadas de meninas/mulheres negras, algumas delas lidas e conhecidas, outras vividas no anonimato. Infâncias negras narradas em obras escritas – Marisol, Dóris, Tássia, Maria Beatriz, Sueli e Lélia, entrelaçadas com os depoimentos de outras mulheres negras umbandista que fizeram parte da pesquisa em andamento no mestrado. Ao encontrar-nos com elas, somos afetadas por suas experiências e nelas nos reconhecemos.

Meninas/mulheres negras

Marisol, mulher negra, africana, jornalista e professora de Arte e Literatura na Universidade Privada de Angola, conta que nasceu numa aldeia chamada Candunda na Angola e que seu pai era sobá (líder máximo da comunidade). A ela foi atribuído o nome Luzembo Kadieg: “Era a única menina em meio a outros onze irmãos; filha da segunda das quatro mulheres de meu pai” (KADIEGI, 2013, p. 38).

A história contada por Marisol acerca de sua infância e vida adulta é marcada por uma dolorosa ruptura dos laços afetivos com a sua família e comunidade, pois, ainda criança, ela sentiu na carne o epistemicídio em relação às coisas e pessoas que faziam parte da sua vida na pequena aldeia da qual fora arrancada em razão das guerras de libertação colonial.

Embora não tenha vivido no mesmo contexto que Marisol, Dóris, mulher negra afro-brasileira, retirante nordestina, pedagoga, secretária do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

(IFRJ), conta a história também da infância questionando o próprio nome, pois não se reconhece na atriz Dóris Day que foi o motivo de tal escolha pelo seu pai:

Uma menina magrinha cujos cabelos crespos estavam sempre presos. Os fios da frente se quebravam com a pressão dos elásticos e certo dia vendo a minha sombra disse a mamãe que meus fios arrepiados pareciam os raios do sol, embora a cor deles fosse escura e totalmente diferente daquela atriz a quem meu pai quis homenagear (SILVA, 2013, p. 127).

Dóris também conta que os rituais religiosos afro-brasileiros fizeram parte de sua infância:

A curiosidade própria da infância trazia o desejo de explorar outros espaços e possibilidades, me levando a cruzar o terreiro de umbanda de minha tia-avó, Maria de Jesus, que ficava nos fundos do quintal e dava acesso a um terreno baldio. Enquanto corria de uma porta a outra para alcançar a saída e chegar ao terreno vizinho para brincar, olhava de soslaio o altar dos santos. Não sabia se corria de medo de levar uma surra de mamãe – de correia ou de “espadas” de São Jorge –, ou se daquelas imagens sacras das quais eu pouco sabia ou entendia, tampouco dos rituais que aconteciam naquele lugar e dos quais eu só ouvia de longe os sons dos tambores e os cânticos (SILVA, 2013, p. 130).

Apesar da vontade de participar e aprender sobre a cultura de seus antepassados, testemunhou o embranquecimento forjado pela conversão dos familiares à religião evangélica e o apagamento das memórias que a ligavam às simbologias religiosas afro-brasileiras.

A resistência aos processos de interdição e captura dos corpos de mulheres negras, é destacada por Tássia, mulher negra, afro-brasileira e professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino em São Paulo, no seu texto “Vozes-mulheres” (NASCIMENTO, 2013) que tece uma rede de histórias de vida de mulheres negras, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Beatriz Nascimento e tantas outras, que com elas criaram maneiras de desconstruir os papéis sociais historicamente relegados ao espaço doméstico, ao trabalho e ao desejo dos “senhores” brancos.

Lélia Gonzalez nasceu em 10 de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais, o pai era operário e a mãe empregada doméstica. Ainda criança sentiu na pele a condição de subalternidade imposta às meninas negras, como ela conta:

Quando criança, eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa (LITERAFRO).

Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju (SE), em 1942, era a oitava filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento e teve nove irmãos. Ainda na infância, Beatriz, como milhares de crianças nordestinas das famílias que na época migravam para a região Sudeste em busca de condições de sobrevivência, foi para os subúrbios cariocas e no Rio de Janeiro concluiu a graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971. Logo após, tornou-se professora da rede estadual fluminense. Junto com outras pesquisadoras e pesquisadores fundou o Grupo de Trabalho André Rebouças na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde também cursou a Pós-Graduação em História do Brasil. Nos anos finais da década de 1970 e início de 1980, Lélia e Beatriz foram militantes fortemente engajadas nos movimentos sociais negros organizados, mantendo vínculo com o MNUCDR, depois chamados MNU (LITERAFRO).

Sueli Carneiro nasceu em 1950, na cidade de São Paulo. Uma das únicas passagens da sua infância que ela destaca é a vida escolar, lugar onde enfrentou desde cedo o racismo e o sexismo. Na carreira acadêmica e política, Sueli Carneiro é uma grande referência do feminismo negro. Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras (LITERAFRO).

Percebemos que meninas/mulheres negras dos terreiros de Bagé (RS), mesmo no anonimato, também produziram estratégias próprias de existir e resistir diferentemente. A convivência das entrevistadas com suas avós e as experiências vividas nos terreiros nas infâncias são heranças preservadas na vida adulta:

Mesmo estando entre a fase de criança e adolescência, participei assiduamente no terreiro. Ajudava a servir os caboclos, exús, participava dos rituais do Batuque, colocava as mãos nos axés pois minha avó tinha total confiança em mim. Ela justificava minha participação para ajudar porque eu tinha a inocência de uma criança, não tinha maldade em minhas mãos. Hoje em dia estou em outra casa, que é totalmente diferente do que era na casa da minha avó, mas, ainda levo comigo todo aprendizado recebido e experimentado desde os meus sete anos. (Filha de Oyá³)

Ciclo de tempos em que cada menina cresce, vira mãe, vira avó, e tudo recomeça.

Dos entremeios

³ Pseudônimo atribuído a uma das entrevistadas na pesquisa.

As narrativas das infâncias de meninas/mulheres negras trazidas neste texto evidenciam batalhas diárias pelo direito a vida. Com recorrência meninas/mulheres negras são forçadas a enfrentarem seus medos, dificuldades e preconceitos provando sua força o tempo todo. É negado qualquer sinal de fragilidade, pois isso as torna ainda mais vulneráveis. Decorre que o que se espera é que meninas/mulheres negras sejam naturalmente fortes.

Vale, então, citar o texto “Pelo direto a desaguar: uma carta para as meninas-mulheres negras”, escrito por Valério (2020) que também narra suas experiências como mulher negra que aprendeu desde cedo a enfrentar as dores e os preconceitos racistas e sexistas, sem que pudesse “desabar” diante das enormes desigualdades sociais, de gênero e raciais.

Reivindicar o cuidado de si como atitude ética, assim anuncia Foucault (2010) quando refere-se a uma arte de existência, denominada *parrhesía* para dizer da coragem que cada sujeito assume diante de si mesmo ao cuidar da sua própria vida, tornando-a bela aos próprios olhos.

Como escreve Valério (2020):

Compreendi que reconhecer-me frágil era uma estratégia de sobrevivência bem mais eficaz que a de negar-me, pois, permitia-me escoar todas as angústias, traumas e dores guardadas e, assim, poderia contribuir, de fato, com as nossas lutas, pois estaria bem, saudável, fortalecida. E, acreditem, não há algo mais transgressor que uma mulher negra feliz, viva! (VALÉRIA, 2020, link: <https://www.geledes.org.br/pelo-direto-a-desaguar-uma-carta-para-as-meninas-mulheres-negras/>).

Com estas palavras desejamos fazer eco ao direito ao cuidado como estratégia de combate ao racismo e ao sexismo que ainda impera em nossa sociedade e que deve ser travado coletivamente sem que se negligenciem os anseios e as expectativas individuais de cada menina/mulher negra, de modo que possa, inclusive, expressar sem medo suas fragilidades e sensibilidades, sem que isso seja usado contra elas.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

KADIEGI, Marisol. Do luto à luta: a história de três continentes marcados pelo racismo.

In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Prêmio Mulheres Negras Contam sua História – 2013. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013, p. 38-47.

LITERAFRO. **Beatriz Nascimento**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriz%20nascimento>. Acesso em: 28 julho 2022.

LITERAFRO. **Lélia Gonzalez**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>. Acesso em: 28 julho 2022.

LITERAFRO. **Sueli Carneiro**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro>. Acesso em: 28 julho 2022.

NASCIMENTO, Tássia. Vozes-Mulheres. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Prêmio Mulheres Negras Contam sua História – 2013**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013, p. 180-208.

SILVA, Dóris Regina B. da. Teias da memória e fios da história: laços e entrelaços. In: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Prêmio Mulheres Negras Contam sua História – 2013**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013, p. 126-155.

VALÉRIO, Amanda C. F. **Pelo direito a desaguar: uma carta para as meninas-mulheres negras**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pelo-direto-a-desaguar-uma-carta-para-as-meninas-mulheres-negras/>. Acesso em: 28 julho 2022.